LEITURA QUE VEM DO BERÇO

Alarcon Agra do Ó[12*]
Katyuscia Kelly Catão de Sousa[**]

Para gostar de ler? Leia.
Tiago Catão

Textos são palavras tingidas com vida;
este é dedicado aos nossos coautores: Artur, Tiago e Camila

Recebemos um convite: falar sobre uma leitura que seja vivida desde o mais cedo, desde o berço. Momentos de ansiedade e de expectativa. Lemos muito e sempre cercamos nossas filhas de livros e revistas, mas entre a vida e as palavras, às vezes, abrem-se vãos, deitam-se sombras. Fomos, enfim, ao evento. Entre outras, como nós, falamos. Emoções muitas. Em seguida, outra ideia: escrever um texto sobre o tema, sobre a experiência. Atravessar a distância entre a palavra lida e a palavra escrita, entre a ação de ler e a ação de escrever. Seguindo as normas e experimentando outras: colocamos em itálico o que só podemos dizer na primeira pessoa; usamos o feminino para registrar as subjetividades e as coisas identificadas (o masculino que neutralizamos na linguagem banal e na norma culta é uma tradição inventada que apenas reforça o sexismo, naturalizando-o).

***

A leitura que vem do berço nos faz pensar numa figura - numa personagem - curiosa. Alguém que vive os seus primeiros momentos na vida após o útero já entre palavras dadas à leitura. Alguém que é tornada em leitora mal chega deste lado do mundo, primeiro pela voz de outras, depois pela sua própria ação. Multiplicam-se, ao seu redor, palavras e palavras, dispostas em suportes variados e todas pedindo a atenção da leitura.

Trata-se, então, de uma pessoa-leitora, de um ser-com-o-texto. Um corpo-ciborgue, ao qual se acoplam, naturalmente, os registros de mensagens outras, de histórias tantas. Estamos falando de uma vida atravessada pelo hábito e pelo prazer da leitura, numa circulação de afetos entre corpos e palavras. Tempos e espaços vividos de forma a que a leitura que faz parte da vida, não sendo apenas um momento à parte da vida.

[*]Doutor em História pela UFPE. Professor Associado da UAHIS/CH/UFCG. E-mail: alarconagradoo@gmail.com
[**] Mestre em História pela UFCG. Pesquisadora de Culturas Infantis. E-mail: kelly_catao@yahoo.com.br

Desde ali viver e ler não seriam dois movimentos, duas séries: antes, seriam, um e o mesmo movimento, o corpo se movendo entre palavras e coisas - sabendo-as diferentes, mas acolhendo-as cada uma ao seu modo ao longo da existência.

Daí, talvez, o mote que organiza este texto. A ideia de que a leitura que vem do berço se diferencia e se apresenta como de qualidade superior expressa a crença na relação entre mais tempo de exposição à leitura e a construção da identidade leitora. Na medida em que uma criança venha a ser apresentada à leitura muito cedo, ela terá aquilo como algo natural, óbvio – e quase não terá como pensar em uma vida diferente.

É uma hipótese sedutora, de vez em quando desmentida, entretanto, por relatos de pais e mães que são leitoras e que sofrem com suas filhas que não gostam de ler. Afinal, a vida é errância, deslocamento, deriva. Além disso, há vários modos e formas de se ler; às vezes, a leitura dos pais é diferente da que é praticada pelas filhas. Quem se forjou leitora no convívio com Guerra e Paz não deveria achar que a leitora do twitter está em outro planeta. Há relações diversas com a leitura, muitas das quais ainda sequer existem.

De todo modo, ligar a leitura aos dias de berço não parece ser uma ideia descartável. Ao contrário, ela pode ser útil, especialmente se a tomarmos como uma espécie de provocação para uma breve reflexão sobre muito do que nela se coloca. Situação, para os leitores, ideal (no sentido de desejável), ela é boa para se pensar. Para tanto, podemos começar, por exemplo, pela ideia mesma de leitura.

Sobre isso, uma questão inicial é a de que o tema da leitura tem infinitos exploradores. Talvez não seja de todo incorreto dizer que há tantas teorias sobre a leitura quantos gestos leitores. A cada vez que algo é lido, imagens se formam e passam a circular em algum espaço, acerca daquilo que está sendo vivido.

Ao ler, eu penso no que faço, ainda que apenas de raspão: imagino o tempo usado, o local adequado, as dificuldades e das seduções, o que aprendo e o que desaprendo – e, na maior parte das vezes, imagino o que será lido a seguir, num momento outro, quando aquela em que me tornarei com a leitura presente for percorrer outras séries de palavras. É pensar errático, talvez vivido num tempo (num platô, como diriam Deleuze e Guattari) anterior aos conceitos e mais chegado aos afectos e perceptos. Mas é um pensamento: feito com e pelo corpo, traduzindo emoções e sensações, acomodações e incômodos, deslocamentos e apaziguamentos. Lemos, pensamos, seguimos.

Além disso, que é vivido por todas as leitoras, ainda existe o que é pensado e divulgado por quem se dedica profissionalmente ao tema. Afinal, em tempos nos quais as práticas humanas parecem só fazer sentido quando codificadas de algum modo, a leitura não escapou – e há as especialistas que buscam decifrá-la, explicá-la, amparados por seus títulos, suas posições acadêmicas. Há as críticas, as resenhistas, as teóricas, as historiadoras... Não faltam especialistas que se dediquem a pensar (n)a leitura, objetivando-a e subjetivando-se desde ai. Aqui, cabem novos personagens: conceitos, autores, obras, debates, vaidades, embates, disputas, consensos, dissensos, autoridades, transgressões, experimentos, condensações…

Neste universo de abordagens, como se pode imaginar, circulam imagens e sentidos muito variados. Trata-se de um cenário muito amplo, em meio ao qual cumpre optar por um ou outro caminho, uma ou outra entrada. Cada uma de nós, já lembrou Drummond, opera com suas meias verdades, seus caprichos, suas ilusões, sua miopia. Nós vamos ter em mente, para efeito deste texto, uma compreensão derivada do pensamento freiriano.

Com a ajuda de Paulo Freire (2008), imaginamos ser a leitura um modo peculiar de existir em relação ao mundo, à vida, às palavras. Um modo de existir crítico, construtivo, comprometido com valores éticos e humanos. Uma recusa à planície calma das naturezas mortas e uma busca pelas grandes alturas e pelos profundos abismos de que falava Nietzsche.

Um maravilhamento em relação à experiência, pois, marcado por um amor pela vida que não se abre a tudo quanto possa se colocar na presença humana: trata-se de uma erótica do saber e do viver que se dirige para o que faz a vida mais forte. O contrário, que caia no silêncio.

Afinal a leitura, na trilha aberta por Paulo Freire, é uma mistura de descoberta e de compromisso. É um postar-se frente a si e ao mundo como alguém que observa e se mistura, como alguém que se espanta e (se) transforma, jamais se acomoda. Não há, para ele, passividade na leitura; há ação, criação, invenção. Uma postura, enfim, que reconhece o que nos faz mais fortes, mais intensos, e nos leva a viver isso.

Ler, aqui, é encontrar-se com um texto para desencontrar-se de si mesmo, numa relação do ser para consigo que não é de um estranhamento doentio, mas de um distanciamento crítico (hipercrítico, como dizem os estudos culturais) que é movido pelo desejo de mais e mais vida, de mais e mais produção de sentidos.

Ler é, também, numa chave junguiana, um gesto e uma prática em meio à qual vamos recortando de um indiferenciado de experiências quem, enfim, somos (Kast, 2013). Quais as nossas performances mais próprias, o que vamos deixando nas sombras, o que dali resgatamos e incorporamos, o quanto deixamos ao largo de nós mesmos para sermos quem somos, o quanto não deixamos longe, o quanto acolhemos e o quanto repelimos. Ler é ter companhia para a tessitura infinita do indivíduo que buscamos ser, mesmo que nunca sejamos. O que, aliás, não incomoda, vez que o caminho é a vida, e a vida não é o ponto de chegada.

Como o próprio Freire insistia, se formos ler sobre pessoas ou coisas, devemos nos inquietar acerca das personagens e das suas histórias (das suas condições históricas de possibilidade, lembrando Kant). O que está escrito não está no mundo como figura abstrata; ao contrário, deve existir em contextos precisos, a partir dos quais algo delas é compreensível, inteligível. E nós mesmas nos (re)pensamos em relação àquilo. A partir de que observamos aquela cena? Em que ela nos afeta? O que entendemos dela?

Mundo e palavras se dão, assim, à leitura, de modos distintos e entretecidos, num movimento em meio ao qual a pessoa se desloca em relação a qualquer referencial que tenha feito parte de sua história, ainda que para tecê-la e com ela se reencontrar. Sem isso não há leitura. O que há, e é algo muito menor, é apenas mera decodificação, ato mecânico que nos afasta do humano em nós e nos faz presas de maquinismos e de

tecnicismos que são, enfim, antidemocráticos. A leitura, neste sentido, é fabulação do mundo, ao passo em que é igualmente fabulação de nós mesmas, o que se vive como um compromisso que é, por definição, político.

Isso foi expresso por Freire (2008), inclusive, num texto em que ele indica que leu o mundo antes de ler a palavra, mas que uma leitura acabou por se mesclar à outra, num processo em que o mundo, as palavras e ele mesmo acabaram se deslocando, aumentando, assumindo ao mesmo tempo mais leveza e mais complexidade. Tudo confluiu para aumentar no leitor Freire o amor pelo mundo. Lê-se o mundo para que ele seja reconhecido como obra humana; lê-se o texto para ver nele o desejo humano em entender a realidade e nela agir.

O menino Freire que leu as frutas do pomar se mistura com o velho Freire que leu teses e textos complexos, um e outro se tocando, um e outro transmudando-se na experiência empírica e nos rastros da memória. Porque, e esta é uma ideia importante e estratégica, a leitura a partir de Paulo Freire é um ato autopoiético.

A leitura é um ato autopoiético porque ela nos faz sujeitos de nossas escolhas, nos oferecendo condições de possibilidade para o governo, quer seja ele o governo de nós mesmos, quer seja o do mundo e das relações que mantemos e que nos constituem. Através desta prática social e cultural, nós ampliamos o nosso vocabulário e a nossa gramática, diversificando os modos pelos quais nos apropriamos do mundo e nele agimos. Nós nos (re)construimos em meio à leitura.

Os impressos, sejam quais forem, são cobertos (por definição) por palavras e imagens, na maior quantidade possível, justamente por isso. Porque a página em branco não nos satisfaz. A página em branco, ou com apenas poucos e insignificantes rabiscos, apenas satisfaz àquele e àquela que, em si mesmo e em si mesma é vasto deserto de virtudes e saberes. Àquele e àquela que não cria valores mas que os despedaça indistintamente, destruindo não para criar, mas para viver o gozo perverso da visão da terra arrasada. Livros, objetos descritos por Caetano Veloso como transcendentes, passíveis de nos suscitar inclusive um amor tátil, fazem felizes os que os amam e enchem de pânico quem teme o seu poder.

Decorre de tudo isso que ler é fundar-se como protagonista da cena pública - e, certamente por isso, as tiranias fogem tanto das palavras, dos impressos, da leitura. Porque há uma política (libertadora) da/na leitura que assusta a quem vê o mundo como paisagem imóvel, como cena paralisada, como teatro de dores alheias que não devem ser mexidas, deslocadas, enfrentadas.

Por isso, como a história não nos deixa esquecer, o potencial libertário da leitura é alvo certo dos autoritarismos, dos fascismos, das ditaduras. Quem almeja o controle absoluto dos corpos e das vontades apenas suporta leituras superficiais e de textos que se digam portadores de verdades sagradas e inegociáveis. Quem teme os saberes dos povos, das pessoas no seu cotidiano, dos grupos sociais (especialmente dos que aprendemos a chamar de minorias), abomina a leitura densa e amorosa de que trata Freire.

Textos que alarguem o campo das possibilidades, que estimulem o deslizar dos sentidos e das subjetividades são o horror dos inimigos da democracia. Livros com

muitas palavras, as quais nos levam longe e fundo, nos fazendo pensar e recusar as ordens vãs dos poderes estabelecidos são um risco às distopias, um perigo permanente aos corpos enrijecidos que, eventualmente, tomam o Estado para si e o abastardam.

***

Devemos lembrar que a leitura é uma prática social e cultural. Com isso se quer dizer que ninguém lê descolado de suas pertenças sociais (etnia, gênero, classe social etc.) ou do arquivo de simbolizações de sua época e do seu círculo de sociabilidade. Além disso, cabe lembrar que para que a leitura esteja na ordem do dia desde sempre, é necessário que os impressos estejam à disposição das pessoas. Livros precisam ter custo mais baixo e equipamentos públicos de oferta de leituras possíveis devem estar perto de todas as pessoas. Certamente a leitura torna possível a problematização de tais questões, e nisto está uma de suas forças e de suas seduções. No entanto, lemos em meio a relações que de algum modo nos antecedem – e o nosso papel é o de intervir aí, imprimindo ao mundo uma marca que antes não estava lá.

Na medida em que a leitura se dá em contexto, podemos imaginar sem dificuldades que ela se faz como obra humana. Lemos como podemos, como aprendemos, como vamos experimentando. A cada vez, testamos nossas possibilidades e as enfrentamos, de algum modo. Não se vai ao segundo livro como se foi ao primeiro, como também não lemos da mesma forma uma outra vez o mesmo texto. Há deslocamentos no simbólico, no subjetivo e no imagético que são acionados pelo ato mesmo da leitura, o que cabe destacar.

Assim, se é possível imaginar que a leitura possa – e, talvez, deva – ser estimulada desde cedo, é necessário que se entenda que o gesto mesmo de ler e a posição da leitora em relação a isso vai mudar ao longo do tempo. Haverá quem se mantenha num mesmo estilo, como haverá que experimente coisas novas; ao lado disso, haverá quem faça leituras mais profundas ao lado de quem só vai até o mais raso da superfície dos textos; lado a lado teremos pessoas com diferentes relações com a leitura, as quais remeterão ao seu próprio mundo, e, aliás, ajudarão a dar forma a este mundo no qual elas vivem.

Uma consequência desta argumentação, entre outras, será destacada aqui. Trata-se de afirmar que, na medida em que imaginamos a leitura como uma espécie de errância, de nomadismo, de viagem do sujeito em torno de si e dos seus projetos identitários, é mais produtivo desejarmos uma cultura letrada do que uma cultura alfabetizada.

Em outras palavras, cabe dizer que a leitura será tanto mais uma prática de criatividade e de liberdade quanto ela estiver implicada em uma relação do sujeito com a palavra impressa que seja mais de apropriação que de decodificação. Daí porque a dicotomia entre a alfabetização e o letramento. A alfabetização, no que há de mais simples na sua enunciação, trata da habilitação do sujeito para a decodificação do escrito. Ela nos faz sujeitos de uma prática satisfatória mas não suficiente, na medida

em que, nela, não está explícito o compromisso com explorações não-lineares ou não superficiais do texto.

A perspectiva do letramento, ao contrário, amplia o cenário, na medida em que esta noção implica em fazer da leitora uma personagem capaz de entender o que lê e, mais que isso, de entender-se a partir do que lê. Ou, se quisermos ir ao mais profundo da questão, o estar em posse do letramento significa dizer que estamos prontos para entender até o que o texto não nos diz imediatamente, bem como estamos a caminho, até mesmo, de desentendermo-nos conosco mesmos. Letradas, somos capazes de um estranhamento em relação ao texto, ao mundo e a nós próprias que de outra forma não alcançamos.

Isto nos leva ao tema do cânone. Em outras palavras, àquilo que, em cada circunstância, parece ser, em círculos sociais (auto)legitimados, a leitura "certa". O cânone expressa uma visão política da leitura e não só dela.

Sobre isso, uma primeira questão diz respeito a que, quando falamos em leitura, com certa facilidade segregamos algumas práticas de relação com o impresso e as classificamos como uma zona de "não-leitura". Como se o tipo do texto indicasse se o seu consumo fosse ou não um gesto legítimo de leitura. Disso tratou, ainda que apenas lateralmente, Márcia Abreu, uma das autoras que podem ser consideradas responsáveis por fazer circular a ideia de os brasileiros não são tão maus leitores quanto muitos de nós gostamos de afirmar.

Ao contrário, diz Abreu, lemos bastante – ainda que de uma forma um tanto desviante em relação a padrões que os mais cultos e mais bem formados tomam por corretos. Assim, se não nos encaixamos muito bem na figura dos circunspectos consumidores da alta literatura, muito confortavelmente nos postamos na posição de um povo que lê impressos diversos, a partir de interesses difusos e pontuais, numa relação com a palavra impressa que é de liberdade mais que de formalismo.

Assim, se formos observar a juventude escolarizada, por exemplo, veremos que ali muita coisa é lida. Principalmente se escrita nas redes sociais ou nos sites de interesse do momento. Nossos adolescentes muito provavelmente não sabem que foi Basílio de Magalhães, mas sabem se comunicar nas diversas plataformas de interação disponíveis na internet, cada uma delas, aliás, dotada de sua gramática própria, de seu protocolo particular de escrita e de simbolização. Se observarmos outros grupos sociais, veremos que o brasileiro entra em contato frequente com livros didáticos, com literatura religiosa ou mística etc.

Uma segunda questão, também já prenunciada pouco acima, diz respeito ao que vem a ser o objeto legítimo da leitura. O que deveríamos ler e fazer ler? É uma questão que está intimamente ligada à ética e, por conseguinte, à política. O que entra no cânone de cada um (ou de cada grupo, ou de cada época), traduz e ao mesmo tempo organiza o ser e suas relações, bem como seus projetos.

Assim, por exemplo, quando pensamos na leitura filosófica, alguns cenários nos chegam à mente. O que ler, em filosofia? Os clássicos? Os comentadores reconhecidos pela universidade e pela tradição acadêmica? Comentadores de internet, desprovidos de formação sistemática? Todas as leituras são válidas? Se lembrarmos a cortante

observação de Sírio Possenti (2009), para quem existe a "leitura errada", talvez nós nos protegêssemos deste ou daquele texto ao executar - contra ele - um procedimento crítico ao mesmo tempo simples e eficiente. A cada texto, perguntaríamos: de que se trata? De onde se parte? Com quem se discute? A que ponto chega?

***

Tudo isso nos leva, enfim, a um ponto-chave: o que faz uma leitora? Esta pergunta, antiga como a própria palavra inscrita em algum suporte, merece uma resposta *a la* Jorge Larrosa (2017): a leitura faz a leitora. Não há receitas, truques, ordens que, para usar uma imagem de Manuel Bandeira, desentranhe uma leitora de um corpo humano. Apenas a relação mantida com o texto, com tudo o que decorre disso, faz de alguém essa personagem tão estranha e tão interessante: a leitora.

Porque ler é um gesto (Skliar, 2010) que abre mundos e executa no sujeito uma transformação alquímica. Quando o olhar (ou o toque) se derrama por sobre o que se vai ler, é como se algo se originasse, como se houvesse uma mescla de revelação e de criação. Alguém escreveu antes e o resultado disso nos chega, levando à morte quem éramos, fazendo com que nasçamos, ainda mais uma vez, para aquelas palavras e histórias que, desde então, nos tomarão os sentidos.

Algo nos é dado a ler: algo cai em nosso corpo, abandona-se à nossa fruição e ao nosso corpo de emoções e pensamentos. Abrimos, ali, num movimento que não se daria de outra forma, o nosso ser mais verdadeiro ao universo, estando nós nele e ele nunca mais sendo o mesmo depois de nossa intervenção. O livro, aliás, nos ausenta do mundo enquanto mergulhamos na leitura – mas, ato contínuo, afetamos o mundo com aquelas potências que tecemos em nós porque… lemos.

Diz Skliar (2010) que o gesto de trazer para si a palavra, para que ela seja lida, é uma carícia e uma ação por sobre a memória. É um deslizamento em meio ao qual nem vamos para muito longe nem ficamos muito perto (de nós, do mundo). É um gesto que abre um espaço insuspeitado até então, suave e profundo, olhos e dedos nos fazendo o que devemos ser e nos levando para onde devemos ir, em nome do desejo de fazer viver mundos, nomes, coisas, vidas, experiências que nascem no e do papel pintado pela tinta e que colonizam tudo o mais ao seu redor.

***

Nós, que escrevemos, como nos fizemos protagonistas de uma vida-leitora? Em primeiro lugar, na nossa memória, sempre houve livros ao nosso redor. Livros variados, nem sempre acessíveis, nem sempre para nós, mas livros que estavam ali, pelos móveis, pelas mãos. Depois, houve momentos em que alguém leu para nós, como um carinho, um cuidado, um afeto. O momento de aprender a ler as palavras foi marcante; também, como ele, o momento a partir do qual podemos passar a escolher de forma mais autônoma o que seria lido.

A adolescência trouxe outros interesses, mas eles não foram suficientes para fazer esquecer a leitura, que seria retomada depois com desejo e intensidade. A carreira que escolhemos também nos ajudou a ampliar o campo da leitura, nos fazendo conhecer modos de escrita outros, ao seu modo fascinantes.

Como pai e mãe, passamos por novas alfabetizações, lendo para as crianças e com as crianças os seus próprios livros, numa redescoberta das emoções das primeiras descobertas e dos primeiros desafios na relação com os impressos.

Em nossa casa os livros e tantos outros impressos sempre estiveram presentes, em todos os espaços. As crianças, ao nascer, já se viram num mundo em que as palavras dispostas nos mais variados suportes faziam parte da realidade, sem necessidade de explicações ou mediações. Livros de plástico acompanhavam banhos; leituras ajudam a fazer chegar o sono e funcionam até hoje como provocadoras de conversas, de reflexões, de críticas, ou seja, da construção da própria subjetividade e das relações familiares.

Há momentos em que contamos histórias, sem livros nas mãos. Quando isso acontece, nossa audiência tem reações variadas. A depender do que se conta, há acolhimentos e recusas, num fluxo que é marcado pela produção da relação autônoma em relação ao que se ouve. Isso será levado, certamente, à relação com a palavra impressa.

O momento da leitura, entre nós, é um instante de problematização: do que estamos lendo, de nós mesmos, de situações do cotidiano, da vida, do mundo, das coisas. A palavra é vivida como prazer, como lazer, como conhecimento, como alimento. Todas as leituras são acolhidas? Certamente que não. Há resistências ocasionais, há textos que, lidos, são objeto de severa crítica, há alguns que não serão jamais retomados. Isso também faz parte da dinâmica: lemos para aprendermos relações com a realidade que não são marcadas pela adesão imediata, mas, ao contrário, pela relação criativa e crítica.

Não poderia ser diferente, entendemos. A leitura não é, entre nós, a decodificação de uma verdade revelada. Muito ao contrário, ela é uma apropriação de modos de ver e sentir o mundo, os quais se acoplam em maior ou menor grau aos nossos próprios modos de ser e de pensar. E, se estes últimos são reinventados à medida que lemos mais, isso se dá exatamente porque nos permitimos ler de forma autônoma e ativa. Ler não é um ato passivo, enfim.

Isso se reflete, inclusive, no fato de que nossa família é composta por cinco pessoas e cada texto lido se multiplica em diversos, vez que cada uma de nós lê a partir de si e do que vai aprendendo naquele momento. Não há, entre nós, um direcionamento que nos leve ao mesmo ponto de chegada – se isso viesse a ocorrer, estaríamos abrindo mão de um olhar democrático e criativo, o que não faz parte do nosso projeto de vida e de família.

Outro desdobramento está ligado à iniciativa das crianças em, por diversas vezes, se colocarem como protagonistas de autorias diversas, através de desenhos, projetos de livros, histórias em quadrinhos, relatos contados com minúcia. Já fazem

parte da categoria de criadores, mesmo que não saibam ou sintam isso em todos os momentos.

É importante lembrar que nós, os adultos da família, convivemos com importantes memórias familiares acerca da leitura. As pessoas que vieram antes de nós mantinham as suas próprias relações com a leitura, relações aquelas muito diferentes umas das outras, mas sempre visíveis e marcantes. Temos as lembranças de pessoas lendo, de pessoas ouvindo leituras, de pessoas em livrarias, de pessoas em bancas de revistas, de pessoas expondo ou escondendo livros em função de conveniências muitas vezes duras (fomos, em passado recente, uma ditadura, é bom lembrar, um tempo em que ler era perigoso). Livros e revistas nos foram dados como presentes em situações especiais, o que significava que aqueles objetos eram importantes e valorizados no mundo em que vivíamos.

Tudo isso, mesmo que de forma caótica e desconectada, aos poucos passa a fazer parte de quem nós somos, nos tornando ciborgues: corpos acoplados em impressos, corpos que se definem pelas tatuagens das palavras naquilo que nos há de mais íntimo e pessoal.

***

O livro é um objeto que, para ser explicado, já se mobilizaram infinitas imagens. Gostamos de uma: o livro como um parque público, um espaço amplo e diverso, no qual se vai para viver a natureza, o conhecimento, o lazer, a reflexão. Um espaço no qual se aprende uma forma de cidadania e de pertencimento ao mundo, com o que se pode tecer uma relação de cuidado com o real.

A palavra, impressa, fala de mundos e abre mundos. Ela se oferece como um território a ser explorado, a ser vivido, a ser cartografado. Não é uma realidade unidimensional, apesar da ilusão referencial oferecida pela página impressa, que parece simular uma presença estática. Longe disso, o livro (e seus correlatos) é uma abertura imprevisível para tempos e espaços outros, para paisagens imaginárias que só se sabem quando visitadas. E, o que é também instigante e sedutor: a palavra impressa se transforma a cada vez que a contatamos, na exata medida em que nós também nos deslocamos em relação a nós mesmos enquanto vivemos.

Nunca nos encontramos duas vezes com a mesma palavra, porque mudamos, nós e ela, até mesmo por causa dos encontros que vamos mantendo e nos quais e pelos quais nos transformamos.

***

Para finalizar, um tema: a leitura como um gesto que permite reatar os laços com a vida – e, mais que isso, permite pensar (n)a vida. Para tratar dele, duas memórias familiares serão aqui registradas.

A primeira situação se passou numa livraria, em outra cidade. Estávamos flanando pelos corredores, acompanhando os percursos das nossas crianças pelas estantes e pelos espaços infantis quando observamos uma prática de exclusão. Uma

menina pobre, maltrapilha e descalça, tocando nos livros e buscando algo neles estava para ser retirada da livraria pela segurança. Ao que parece, em função da política da loja, o seu lugar não era ali. A sua corporalidade que expunha sem mediações a estética, o cheiro e os códigos da pobreza não poderia ser acolhida naquele espaço elitizado.

O nosso incômodo foi imediato. Uma reclamação foi feita à gerência da loja e nos permitimos um contato com aquela criança. O que ela queria? Ler. Folhear um livro, Ter um livro. Uma menina das que não vemos, um corpo dos quais cercamos com as máscaras e com os atributos da abjeção, uma vida desperdiçada pelas escolhas (des)civilizatórias que vamos fazendo enquanto povo e enquanto nação queria romper ao menos num gesto sua condição de pária e queria um livro. E estava sendo impedida, vez que a livraria é espaço de práticas de apropriação de saberes apenas para quem consegue adquirir estes saberes na sua forma de mercadoria.

Sim, é isso: o livro, no circuito da economia capitalista, não é o portador de sonhos ou o mapa de mundos outros: é uma mercadoria que tem preço, que não pode circular livremente, que só transita entre proprietários. Não é algo colocado no mundo à disposição de todas; é algo que se dá em troca de dinheiro. A menina não tinha este dinheiro. Ela pertencia àquele conjunto cada vez mais ampliado de pessoas precarizadas, de pessoas que estão fora dos circuitos produtivos, de pessoas que foram abandonadas à própria sorte pelo deus mercado.

Nós nos propusemos a lhe dar um livro, à sua escolha. E ela escolheu um livro mais infantil do que a sua faixa etária sugeriria – isso se ela tivesse direito às marcações que a dinâmica social predominante institui na política das idades. Se isso ocorresse, sua idade a levaria a um tipo específico de relação com o impresso, tornando-a consumidora de um livro com mais palavras que gravuras. Para que isso se fizesse, no entanto, deveria haver uma correspondência, por exemplo, entre seus anos vividos e seus anos na escola, o que não é comum acontecer nas camadas populares brasileiras, vítimas de projetos de exclusão e de marginalização.

A menina escolheu um livro que, entre nós, letrados, não se adaptaria à sua faixa etária. Isso diz, talvez, da sua maturidade, dos códigos que, no limite da sua experiência, regem as relações com a palavra impressa. O que a seduziu? O colorido? A ausência de palavras, talvez de difícil apropriação? O brilho? A dimensão lúdica de um volume que mais parecia um brinquedo?

A história contada aqui, em algum sentido, nos remete ao antigo debate acerca do pertencimento da literatura infantil à literatura propriamente dita ou à pedagogia. Ambas as posições estão bem colocadas na cena cultural do ocidente desde, pelo menos, o século XVII – e talvez seja incorreto imaginar que há como imaginar-se que em algum momento tudo será pacificado em uma ou outra direção. No entanto, aquele debate, quando colocado em cena como uma espécie de ferramenta para pensar aquela breve cena da menina pobre na livraria da metrópole, nos ajuda a pensar.

O que a menina queria, entre livros e com livros? Ter provocadas as suas emoções, gozar de algum prazer, divertir-se? Ela queria tocar, transformar, afetar a sua compreensão acerca do seu próprio lugar no mundo? Queria aprender alguma coisa? Queria mergulhar em si ou fugir de si? São questões para as quais não temos, como se

pode imaginar, respostas; no entanto, são temas e problemas que não seria justo esquecer ou silenciar. Que atravessamento aquela menina efetuava no mundo dos livros, e em que ele a afetava? (Coelho, 2000, p. 46 e segs.)

O tema do livro merece, também, um destaque. Ela escolheu um livro que falava de princesas. O que levou a isso? Que vida estaria mais longe da sua do que a registrada naquele volume colorido?

Na história que nos leva à segunda memória, relativa a algo que ocorreu também em uma viagem de férias, uma de nossas crianças teve a sua sandália presa numa escada rolante. Foram instantes de pânico até que estivéssemos fora da escada, sem nenhum dano físico no seu pé. A sandália, mastigada, era a imagem do que, felizmente, não houve.

De volta ao hotel, todos ainda abalados, ficamos na cama, lendo um livro infantil comprado pouco antes do incidente. A história nos fez rir, nos fez deixar um pouco de lado o susto e nos recompôs. Principalmente, acalmou a todos nós, e nos fez ver, na prática, que a leitura tem, entre outros papéis, o de nos retirar um pouco de situações nem sempre leves, mostrando-nos que em cada instante há infinitas possibilidades a explorar.

Naquela noite um livro nos serviu de chave para outra experiência, diversa do medo, da dor imaginada e das angústias que nos tinham sido apresentadas em breves instantes numa escada rolante. Um livro nos fez rir, conversar, pensar em nós mesmos, refletir sobre as mudanças que a vida nos traz, sobre ganhos e perdas da idade e do crescimento.

Levando cada uma de nós, de formas singulares, a uma espécie de desvio em relação a uma situação presente, um livro nos mostrou que vale a pena entrar no mar aberto das palavras impressas para “falar o que não tem palavra”, para arrumar de modo acolhedor a “arbitrariedade da existência” (Calvino, 1990, p. 138 e 136).

O gesto da leitura, para lembrar ainda uma vez mais Carlos Skliar, é único ainda que se repita. É singular, ainda que desejamos que ele se multiplique ao infinito. É um compromisso com a vida – com a ressurreição – dos vivos, muitas vezes enterrados ainda com fôlego em existências naufrágas. Ler é um gesto para “não esquecer-se do humano”. É um gesto para “que o humano não se negue ao humano.” É, enfim, um gesto que fazemos para “não esquecer que estamos vivos” (2010, p. 25).

Referências

ABREU. Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 2003.

ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 2000.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil*. Teoria. Análise. Didática. São Paulo: Moderna, 2000.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2008.

KAST, Verena. *A dinâmica dos símbolos*. Fundamentos da psicoterapia junguiana. Petrópolis: Vozes, 2013.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana*. Danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

POSSENTI, Sírio. A leitura errada existe. In. BARZOTTO, Valdir Heitor. (org.) *Estado de leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

SKLIAR, Carlos. Escrever e ler para ressuscitar os vivos: notas para pensar o gesto da leitura (e da escrita). In. KOHAN, Walter Omar. (org.) *Devir-criança da filosofia*. Infância da educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Recebido em 20 de janeiro de 2020
Aceito em 21 de fevereiro de 2020